



Infâncias cuidadoras: reflexões e desafios sobre o cuidado praticado por crianças

Apresentação à Seção Temática

Juliana Siqueira de Lara

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-9626-0215>

Pia Leavy

Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina.

<https://orcid.org/0000-0002-0712-7480>

Atualmente, o cuidado praticado por crianças ganha relevância em um contexto no qual o cuidado em geral, principalmente após a pandemia de covid-19, tem sido reconhecido como uma atividade essencial para a sustentabilidade da vida, embora ainda seja profundamente desvalorizado, tanto em termos econômicos quanto simbólicos. Além disso, as tarefas de cuidado envolvem relações sociais que requerem uma análise crítica, gerando um campo fértil para discussões que possibilitam romper com estereótipos relacionados a gênero, idade, classe social, identidades nacionais ou étnicas e os papéis atribuídos às pessoas para que possam viver em sociedade.

O fenômeno das crianças que cuidam de outras pessoas e/ou dos espaços em que vivem tem mobilizado cada vez mais investigações e debates sobre os papéis sociais que elas assumem em seu cotidiano (ZELIZER, 2009; COLONNA, 2015; DAY, 2017; HUNLETH, 2017; HERNÁNDEZ, 2019; LARA; CASTRO, 2021; LEAVY; SZULC, 2021; LEAVY; SHABEL, 2022; LARA, 2022). Trata-se de um tema que desperta intensos debates e polêmicas, pois existe uma construção dominante acerca das crianças como seres unicamente necessitados de cuidados e incapazes de proporcioná-los, assim como pesquisas que apresentam o cuidado fornecido pelas crianças como patológico ou prejudicial (BECKER, 2007).

O campo de estudos das infâncias cuidadoras tem buscado entender e analisar os processos pelos quais as crianças participam de práticas de cuidado, tanto em relação a si mesmas e a outras pessoas quanto em relação ao ambiente familiar e comunitário em que vivem. O fenômeno do cuidado praticado por crianças adquire formas e relacionalidades diversas, mas pode ser observado, de forma contínua ou pontual, em crianças que assumem a supervisão ou orientação de outras crianças em casa e/ou nas ruas, ajudam parentes doentes, com deficiência e com dificuldades pelo envelhecimento, desempenham tarefas domésticas e comunitárias em seu próprio benefício ou de outras pessoas e do ambiente/natureza e participam das redes de subsistência de suas famílias e/ou comunidade.

O campo que se debruça sobre as infâncias cuidadoras tem se consolidado nos últimos anos como um campo interdisciplinar, cujo objetivo mais amplo é de compreender como as crianças aprendem, exercem e atribuem significado ao cuidado. Além disso, esse campo busca entender quais as relações sociais e de poder que permeiam o cuidado, como as práticas de cuidado e as concepções sobre o cuidado se articulam com as experiências de ser criança nos contextos e territórios em que vivem, quais as motivações e os efeitos que tais práticas produzem na vida cotidiana das crianças e suas famílias e como as diferenças sociais, culturais, de gênero e etnia influenciam nas formas como as crianças cuidam e são cuidadas.

As abordagens teóricas e metodológicas utilizadas nesse campo procuram adotar uma perspectiva crítica em relação às visões hegemônicas da infância e às formas de se pesquisar com as crianças (LEAVY; SZULC, 2021; LEAVY; SHABEL, 2022; LARA, 2022). Historicamente, a infância foi concebida como uma etapa da vida que deveria ser superada, e as crianças eram representadas como aqueles que “ainda não conseguiram, ainda não fizeram, ainda não são” em comparação com os adultos, como aqueles que “já conseguiram, já chegaram ou já são” (CASTRO, 1998). Isso resultou no uso da infância como um sinal de imaturidade cultural e política (NANDY, 2010), bem como na percepção frequente de que as crianças são exclusivamente objetos de cuidado dos adultos. O campo de estudos – que vem se consolidando – das infâncias cuidadoras desafia essa visão, pois compreende a participação ativa e relacional das crianças no cuidado, na posição de quem não é somente objeto de cuidado de adultos e instituições, mas também de quem pode assumir atividades de cuidar. É um campo que inclui e atesta a importância da alteridade ao se refletir sobre as infâncias (NIÑEZ PLURAL, 2019). Além disso, esse campo problematiza a ideia de “agência individual das crianças” (SZULC, 2019; BALAGOPALAN, 2021; FRASCO ZUKER; FATYASS; LLOBET, 2021), presente em muitas pesquisas atuais dos estudos da infância, ao reconhecer que

as ações das crianças são influenciadas pelas estruturas sociais, relacionais e discursivas que as cercam, e não ocorrem de forma autônoma e separada das dimensões históricas e contextuais em que vivem.

Metodologicamente, o campo de estudos das infâncias cuidadoras têm adotado abordagens qualitativas e etnográficas que buscam se aproximar do cotidiano das crianças, acompanhando e registrando suas atividades, interações e práticas, em diferentes contextos, como o doméstico, o comunitário e/ou o institucional. Métodos como a observação participante, entrevistas, conversas informais, desenhos e registros fotográficos são utilizados para compreender as perspectivas e experiências das crianças em relação ao cuidado, tanto a partir das suas próprias visões quanto das visões dos adultos presentes em sua rede social (COLONNA, 2015; EVANS, 2012; 2017; HUNLETH, 2017; HERNÁNDEZ, 2019; LARA; CASTRO, 2021; LEAVY; SZULC, 2021; LEAVY; SHABEL, 2022; LARA, 2022). O método do grupo focal e de aplicação de questionários também tem sido aplicado para obter informações sobre opiniões, experiências e perspectivas das crianças e outros atores sociais em relação ao tema. Além disso, considerando que o cuidado é uma prática relacional, as pesquisas qualitativas desse campo também buscam expandir o entendimento sobre o tema ao observar e examinar as próprias relações que se formam durante as investigações, incluindo os pesquisadores e as crianças participantes, uma vez que, nessas relações, as práticas de cuidado exercidas pelas crianças muitas vezes se estendem aos pesquisadores (LARA, 2022).

Os estudos sobre crianças envolvidas em práticas de cuidado estão situados em áreas diversas do conhecimento e atuação, tais como Antropologia, Sociologia, Psicologia, Direito e Geografia, bem como em interface com movimentos sociais, que discutem a importância do cuidado e sua relação com questões políticas, econômicas, de trabalho, saúde e direitos das mulheres e das crianças. Batthyány (2020) observa que as discussões atuais na América Latina enfatizam o cuidado como um componente central de uma economia alternativa e feminista, além de ser um elemento “chave” para o bem-estar social. Joan Tronto e Berenice Fisher, conforme pontua Tronto (1998), difundiram a visão ampla do cuidado como um componente central nas relações sociais, definindo-o enquanto:

Uma atividade da espécie que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar nosso ‘mundo’ para que possamos viver nele da melhor maneira possível, incluindo nossos corpos, nós mesmos e nosso ambiente, todos os quais procuramos entrelaçar em uma complexa teia de sustentação da vida (FISHER; TRONTO, 1990 apud TRONTO, 1998, p. 15).

No âmbito da literatura dos estudos da infância, Weisner e Gallimore (1977) foram um dos primeiros a indicar, com base em evidências transculturais, que o cuidado não parental é uma norma ou uma forma significativa de cuidado na maioria das sociedades, embora as pesquisas sobre a socialização das crianças raramente levem isso em consideração. Segundo os autores, tais pesquisas foram embasadas em teorias de países ocidentais que apontam ser a mulher e/ou a mãe as principais cuidadoras ou companheiras das crianças pequenas. No estudo pioneiro de Weisner e Gallimore (1977), os autores refutam essa visão ao evidenciarem, em uma variedade de sociedades, as crianças e os irmãos como cuidadores de outras crianças, um fenômeno que incluía todas as formas de socialização e responsabilidades rotineiras que uma criança assume em relação a outras. Cuidar se refere às atividades que podem incluir tanto direção e orientação do comportamento de uma criança, através de atitudes verbais e mais explícitas, quanto “olhar” os irmãos mais novos.

Ao argumentar e realizar um estudo rigoroso sobre como as famílias são centros de relações econômicas, Zelizer (2009) observou as diversas maneiras pelas quais meninos e meninas prestam uma ampla variedade de serviços para suas famílias. No entanto, ela destaca que: “[...] o escopo, variedade, intensidade e valor dos trabalhos de cuidados das crianças, ainda não receberam a atenção que merecem” (ZELIZER, 2009, p. 278). Embora o estudo e a discussão pública e econômica do fenômeno das crianças cuidadoras ainda sejam incipientes e não estejam recebendo a atenção merecida, desde o trabalho de Weisner e Gallimore (1977), pesquisas têm sido desenvolvidas sobre as crianças que cuidam de crianças e adultos, em diferentes contextos, tanto em localidades do Sul quanto do Norte do globo.

É importante destacar que as pesquisas sobre esse tema apresentam diferentes abordagens político-epistemológicas e têm efeitos distintos na produção de políticas públicas em cada local estudado. Como veremos abaixo, o cuidado praticado por crianças e jovens é estudado de forma distinta em algumas pesquisas de centros de investigação do Norte e do Sul do globo. As diferenciações estão referidas ao grupo de questões que fazem parte da história política e social de cada país, à construção das relações sociais, às produções de subjetividades individuais e coletivas, aos valores culturais e morais e às concepções de cuidado, criança e infância em cada contexto sociocultural estudado. Além disso, tal como será mostrado mais adiante, essas diferenciações dizem respeito a como o cuidado na infância está sendo definido nas pesquisas, seja como uma prática rotineira da vida cotidiana de algumas crianças, seja como uma prática que pode ser lida como indevidamente negativa, prejudicial ou restritiva para as próprias crianças (BECKER, 2007).

No campo dos estudos do Norte, por exemplo, encontram-se estudos de crianças e adolescentes que fornecem geralmente cuidados regulares para familiares doentes (ALDRIDGE; BECKER, 2004; LEU et al., 2019), crianças que praticam o *babysitting* (um cuidado para alguém de fora da família e, normalmente, remunerado) (MORROW, 2008; EASTERBROOK; RABY; LEHMANN, 2020) e também de crianças que estão envolvidas em cuidado em situações de migração com as suas avós (YARRIS, 2014). Especialmente em países integrantes do Reino Unido, Alemanha, Noruega, Suécia, Austrália, Estados Unidos e Canadá, há um debate e atuação pública em expansão a respeito de um movimento e uma categoria específica de crianças e jovens considerados em vulnerabilidade, chamado “jovens cuidadores” (*Young Carers*) (LEU et al., 2019; BECKER, 2007).

A nomeação dos *Young Carers* é decorrente do trabalho de pesquisadores britânicos, Saul Becker e Jo Aldridge, que definiram “jovem cuidador” como “um jovem de 18 anos ou menos que presta tarefas de cuidado significativas ou substanciais e assumem um nível de responsabilidade que normalmente seria associada a um adulto” (BECKER, 2000, p. 378 apud BECKER, 2007). Essa identificação foi expandida para qualquer jovem com menos de 25 anos e tem se associado aos jovens que prestam cuidados não remunerados a um membro da família adoecido, com deficiência física, problemas mentais, dependência de drogas ou álcool, barreiras linguísticas e/ou dificuldades que acompanham o envelhecimento (STAMATOPOULOS, 2018). Os estudos de tais países possuem, dentre seus objetivos, a busca pela identificação, assistência e prevenção dos possíveis aspectos negativos do cuidado substancial praticado por crianças e jovens. Na visão de Becker (2007), do Reino Unido, mesmo quando há alguns pontos ‘positivos’ associados ao cuidado – como mecanismos aprimorados de enfrentamento das questões do dia a dia, habilidades sociais e criação de vínculos mais próximos com as pessoas – muitas crianças que assumem cuidados substanciais ou regulares podem experimentar restrições significativas em seu desenvolvimento e conquistas educacionais, por exemplo.

Em tais países citados acima, a categoria de “jovens cuidadores” está incluída em políticas públicas, em dados demográficos, programas de assistência, segurança, saúde e remuneração a esses jovens, sendo tais projetos discutidos e implementados de forma gradual nas últimas

duas décadas. O Reino Unido se apresenta como aquele com um modelo de implementação mais atuante de conscientização, reconhecimento e prestação de serviço social para os “jovens cuidadores” (KAVANAUGH; STAMATOPOULOS, 2021). De acordo com Chadi e Stamatopoulos (2017), no Reino Unido, há direitos legais que dão acesso a mais de 350 programas dedicados a jovens cuidadores e pagamentos diretos em vez de serviços. Os programas fornecem uma gama de informações, descanso, educação e serviços baseados em aconselhamento para crianças e jovens até a idade de 25 anos. Na Austrália, embora os jovens cuidadores australianos não compartilhem a mesma amplitude de direitos e prerrogativas que do Reino Unido, eles têm direitos legais parciais em jurisdições selecionadas e muitos têm acesso a programas educacionais e de serviços sociais. Nos Estados Unidos, em 2003, ocorreu a primeira pesquisa nacional de “jovens cuidadores”, que abriu caminho para pesquisas sobre os impactos do cuidado em jovens. Apesar da documentação de mais de 1,4 milhão de cuidadores de crianças e jovens entre as idades de 8 e 18 anos, a programação de cuidadores jovens dedicados é limitada principalmente à Flórida. No Canadá, pesquisadores e organizações reivindicam que serviços sejam destinados não apenas à assistência aos “jovens cuidadores”, mas também, a programas que previnam que crianças e jovens assumam tal posição de forma substancial dentro de suas famílias (STAMATOPOULOS, 2016).

Já em muitos países do Hemisfério Sul ou da chamada “maioria do mundo”, como países da África e América Latina, observa-se que as pesquisas sobre as práticas de cuidado das crianças se voltam para investigar esse fenômeno sem que ele já seja considerado, de saída, como prejudicial ou negativo para os mais jovens e suas famílias. Como será apresentado abaixo, muitas vezes, o cuidado praticado pelas crianças é considerado como uma parte normal do processo de socialização, decorrente de responsabilidades recíprocas, normativas e de solidariedade para com suas famílias e comunidades locais e vice-versa (EVANS et al., 2019). As relações interpessoais, que incluem as práticas de cuidado, são experimentadas, em muitos casos, como essenciais para o “bem viver” (JUSTINO, 2022). A partir de uma perspectiva relacional e menos centrada na agência individual das crianças (BALAGOPALAN, 2021), esses estudos apontam que as práticas de cuidado de crianças são comuns nas localidades onde vivem, consideradas importantes para a sobrevivência de suas famílias e se destacam pela centralidade dos aspectos interpessoais e relacionais presentes nas práticas de cuidado. Além disso, as crianças e jovens que cuidam de familiares raramente são direcionados especificamente para intervenções de ONGs ou de políticas públicas de assistência e segurança social (EVANS; BECKER, 2009; ROBSON, 2004; DAY, 2017).

Na América Latina, Remorini (2004) e García Palacios, Hecht e Enriz (2015) evidenciam que nas comunidades indígenas Mbyá, Argentina, a supervisão e os cuidados das crianças pequenas que começam a circular não são exercidos exclusivamente pelas mães ou pais, pois também dependem dos olhos atentos dos irmãos/irmãs mais velhos e primos/primas que também são crianças. No Brasil, na aldeia indígena de Laranjeira Nanderu, do Mato Grosso do Sul, Gutierrez (2016) observou que as crianças kaiowá tinham papel significativo nos cuidados da casa, como varrer, limpar o quintal, buscar água no córrego, dar comida aos animais domesticados e nos cuidados dos irmãos menores. O autor destacou que a “lição de casa” era essa de ajudar a mãe com as atividades domésticas e com as crianças mais novas, sendo uma prioridade maior do que as “tarefas da escola”, passadas pelas professoras. Nesta comunidade, destaca-se o forte valor da ancestralidade e dos valores comunitários que se articulam com o pertencimento, a solidariedade e a identificação das crianças, desde novas, com o coletivo da aldeia. Embora sejam atividades normalizadas, muitas pessoas não escondem o quão difícil consideram viver permanentemente sob a vigilância uma das outras, uma vez que há pouco espaço para assuntos exclusivamente privados (GUTIERREZ, 2016).

Em contextos urbanos periféricos do Brasil, as ruas são locais onde é possível presenciar crianças que cuidam umas das outras. As crianças circulam em grupo com outras crianças normalmente nos trajetos da escola para a casa ou momentos de lazer, onde é possível observar especialmente crianças mais velhas impedindo que as mais novas fiquem no meio da rua, dando as mãos para elas, carregando material escolar, ensinando regras comunitárias e de convivência em espaços públicos (FERNANDES, 2011; LARA; CASTRO, 2016; SOUZA, 2020; UGLIONE, 2020, LARA, 2022). Nestes locais, destaca-se uma convivência social e comunitária regulada por ajuda mútua e reciprocidade, mas que, também, revela laços em que a rivalidade e violência local se fazem presentes. O tempo que as crianças passam em espaços públicos, demonstrando autonomia em suas ações, não significa que elas estejam em completa liberdade, uma vez que estão sob o reconhecimento, olhar e os vigilância de outras pessoas adultas que compartilham laços de parentesco, amizade ou vizinhança com suas famílias (PRETTO, 2015; HERNÁNDEZ, 2019; LEAVY; SZULC, 2021; LARA, 2022).

No continente africano, algumas pesquisas também apontam a presença ativa das crianças no cuidado, socialização e realização de atividades domésticas. Em Gana, Brobbey (2011) mostrou que nas famílias onde há o uso comunitário de recursos como terra, utensílios domésticos e há apenas uma casa para toda uma família estendida, as responsabilidades das crianças são inseparáveis das estratégias de sobrevivência dessas famílias. O autor argumenta que os membros idosos e jovens dependem do apoio um do outro para a manutenção do lar. Colonna (2015) discute que nos bairros dos subúrbios de Maputo, Moçambique, é muito comum encontrar crianças que, sem a supervisão de um adulto, ficam à vontade nas ruas com um bebê amarrado ao corpo, ou de mãos dadas com outra criança que ainda é muito pequena. Em suas descobertas, ela observa que, ao cuidar de outras crianças, as crianças as ajudam efetivamente nas tarefas escolares, alimentam-nas, banham-nas, carregam-nas no colo, ajudam-nas a atravessar a rua, acompanhá-las à escola, cozinham e trocam as suas fraldas. A autora aponta para uma natureza ambivalente das relações das crianças com outras crianças, onde se é possível ver amorosidade e conflitos presentes na mesma relação.

Em Cabo Verde, Justino (2022) reflete sobre o universo das relações de cuidado intergeracionais e entre as crianças que ocupam as ruas em suas circulações cotidianas, oxigenando as relações de amizade e solidariedade entre as casas, sendo essenciais para a sobrevivência dos agregados familiares nas condições de pobreza. Por meio de uma reflexão sobre algumas categorias, como cuidado, carinho e castigo, o autor discute como as atividades analisadas são um valor compartilhado na rede de relações sociais que as crianças ajudam a construir.

Na Zambia, Senegal e Uganda, Evans (2012, 2017), Day e Evans (2015) e Hunleth (2017) apresentam e discutem os papéis de crianças e jovens como cuidadores de pais e parentes

afetados por doenças crônicas, como HIV e Tuberculose, e nos dizem que é possível argumentar que o cuidado realizado por uma criança/jovem não é algo visto como “fora do comum” dentro da família dos locais onde vivem. No entanto, também apontam que o número de jovens que estão assumindo cada vez mais funções de cuidado não tem um reconhecimento devido na sociedade mais ampla e nem nas políticas públicas de seus países.

O fenômeno das crianças socializando outras crianças, adotando práticas de cuidado e mantendo relações de estilo parental não é novo em grupos do continente africano. Nessas comunidades, a atividade de cuidado é vista como uma experiência positiva, útil e de reciprocidade com a família e comunidade, além de muitas vezes ser fundamental para a subsistência do grupo (FRANCIS-CHIZORORO, 2010; EVANS, 2012, 2017; COLONNA, 2015; DAY, 2017). A Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar das Crianças, de 1993, reconhece a importância da responsabilidade direcionada a outros membros da família e da comunidade no continente africano. O artigo 31 da Carta destaca as responsabilidades das crianças em promover a coesão familiar,

a solidariedade social e nacional, os valores culturais africanos e o bem-estar moral da sociedade, através da tolerância, diálogo e consulta. Nota-se como essas práticas de cuidado infantil estão inseridas em um contexto mais amplo de valores culturais e relações sociais, que valorizam a colaboração e a responsabilidade de todos os membros da comunidade.

O campo de pesquisas realizado no Sul do globo tem mostrado que as práticas de cuidado assumidas pelas crianças destacam a centralidade dos aspectos relacionais, comunitários, econômicos e de reciprocidade em suas famílias. No entanto, essas práticas também podem ser ambíguas e conflituosas para as crianças, que muitas vezes enfrentam desafios e encaram o cuidado como um fardo (LARA, 2022; COLONNA, 2015). Além disso, o cuidado é influenciado por sistemas mais amplos de relações de poder, como hierarquias de gênero, idade e status social dentro de cada família e comunidade, gerando conflitos, negociações e resistências em tais relações (COLONNA, 2015; EVANS, 2017; JUSTINO, 2022; LARA, 2022). É importante observar que, embora o cuidado seja uma prática comum, muitas pesquisas apontam que as meninas e mulheres jovens são as mais envolvidas em atividades de cuidado em suas famílias (ROBSON, 2004; EVANS; BECKER, 2009; DAY; EVANS, 2015; DAY, 2017; LARA, 2022). Dessa forma, as relações de cuidado não são harmônicas ou romantizadas, já que são marcadas por desigualdades, ambivalência, disputa de poder e posição, negociações e conflitos, como já foi abordado por Tronto (1998).

Tais questões são particularmente relevantes para os artigos da atual Seção Temática, que abordam o cuidado praticado por crianças em diferentes contextos e culturas, considerando as particularidades de cada espaço relacional, as relações familiares, bem como as diferenças e desigualdades de gênero, etnia e classe social. A seguir, apresentaremos cada artigo que compõe a seção temática *Infâncias cuidadoras em contextos latinoamericanos*.

Apresentando a Seção Temática

No artigo “Niños que cuidan de sí y de otros en una agrolocalidad media de la pampa húmeda argentina. Una aproximación antropológica”, as autoras Luisina Morano y Andrea Szulc partem de uma abordagem antropológica e do uso crítico da noção de agência infantil para analisarem diferentes situações etnográficas que revelam os modos das crianças se posicionarem diante do cuidado consigo próprias e também na relação com os adultos. O estudo de campo foi realizado em um bairro localizado na periferia de uma agrolocalidade na Província de Buenos Aires e utilizou diversas técnicas, como a observação-participante e entrevistas com crianças e adultos, de forma presencial e online. As situações analisadas revelam as formas variadas das crianças agirem diante das dinâmicas de cuidado dessa localidade, como: práticas em que criavam estratégias para cuidarem de si, responsabilizando-se por olhar e vigiar outras crianças familiares, como nas relações entre irmãs e primas, onde a familiarização e a feminização do cuidado se destacam; na troca interdependente com adultos adoecidos e, também, com medidas de intervenção contra a violência sofrida por suas mães. O trabalho discute e reflete que são as mulheres e, especificamente, as meninas que se encarregam da atividade do cuidado nesta localidade e problematiza pressupostos normativos e hegemônicos acerca da infância, das trocas intergeracionais e da posição das mulheres de contextos empobrecidos diante do cenário econômico e social global.

O artigo “Niñez, trabajo doméstico y de cuidados: una aproximación cuantitativa en sectores urbanos de Argentina” apresenta um tema relevante e pouco explorado: trabalho doméstico e atividades de cuidado realizadas em suas casas por setores urbanos na Argentina e o tipo de participação que está em jogo nessas atividades. Suas autoras, Laura Peiró e María Eugenia Rausky, abordam o fenômeno do cuidado prestado por crianças a partir de uma perspectiva

quantitativa, com base nos dados da Pesquisa Nacional sobre Estrutura Domiciliar (2014-2019) da região da Grande Buenos Aires, que concentra um terço da população da Argentina. O texto contribui para tornar visíveis os tipos de participação que as crianças realizam nas tarefas domésticas e de cuidado, diferenciando-as segundo gênero, classe social e idade. A análise das autoras permite observar que nem todos os meninos e meninas de todas as classes sociais contribuem da mesma forma para os afazeres domésticos em seus lares, além de revelar a preponderância da variável gênero para compreender as responsabilidades assumidas desde os primeiros anos de vida. Embora os autores contemplem as limitações metodológicas dos dados analisados, os resultados mostram que são os meninos e meninas de níveis socioeconômicos mais baixos que têm maior participação nessas atividades, sendo proporcionalmente maior para as meninas, principalmente aquelas que estão na faixa dos 14 a 17 anos de idade. Embora esta tendência esteja presente na classe média, encontramos alguns indícios de maior igualdade entre homens e mulheres de ambas as faixas etárias, o que pode fornecer pistas para pensar sobre a existência de mudanças na modulação da divisão do trabalho doméstico. Os dados apresentados no artigo, em consonância com diversas investigações sobre o cuidado, permitem observar a ineficácia das interpretações dicotômicas entre dependência e independência, cuidadores e cuidados. Este é um trabalho que busca contribuir para pensar o fenômeno do cuidado exercido por crianças, sem deixar de se questionar sobre a possibilidade de que a intensidade dessas tarefas contribua para processos de acúmulo de desvantagens na vida das crianças, especialmente das meninas.

O artigo “Infancia y cuidado. Reflexiones críticas desde perspectivas relacionales”, elaborado por Florencia Paz Landeira, Laura Frasco Zuker e Valeria Llobet, apresenta uma revisão das discussões sobre o cuidado em geral e sobre o cuidado da criança em particular, destacando as principais discussões e nós problemáticos em ambos os campos de estudo. Nesse sentido, as autoras se propõem a pensar o cuidado como uma “lente” que permite rever criticamente a agência de crianças, bem como sua participação social e seus direitos, ao mesmo tempo em que sustentam a contribuição de perspectivas relacionais para discutir não apenas a concepção de infância construída na modernidade, mas também individualizando perspectivas contemporâneas que são formuladas em termos de uma “criança global” em abstrato. A partir dessa discussão, abre-se a possibilidade de repensar a categoria de agência infantil, no quadro de tramas de relações sociais que não excluem o condicionamento de hierarquias e desigualdades. Com base em vários dos argumentos indicados, as autoras oferecem argumentos para interpretar as possíveis razões para o obscurecimento das tarefas de cuidado realizadas por meninos e meninas em diferentes contextos. Entre os resultados dos debates recuperados no artigo, encontramos possíveis explicações para a invisibilidade (nas pesquisas científicas, mas também nas agendas públicas ligadas à infância) das tarefas de cuidado realizadas por meninos e meninas como parte da vida comum na qual estão inseridos. Da mesma forma, são apresentadas contribuições claras do trabalho para o campo da infância, propondo linhas de trabalho a serem desenvolvidas, como a análise das dimensões temporais envolvidas nos cuidados e agências infantis ou o ativismo ambiental de crianças em contextos cotidianos como parte de suas atividades assistenciais e exercício de sua capacidade de agência. Este é um artigo de leitura obrigatória para pensar os desafios que envolvem a pesquisa sobre e com crianças, o que suscita a necessidade de uma “reconceituação dos direitos de meninos e meninas, a fim de resgatar seu potencial crítico e seu caráter político, coletivo e relacional” (LANDEIRA; ZUKER; LLOBET, 2023).

No trabalho de Stefania Cardonetti e Guadalupe Blanco Rodriguez, intitulado “Cuidados, infancias y migraciones. Experiencias emocionales de migrantes e hijos de migrantes bolivianos en Argentina”, as autoras discutem as narrativas de jovens migrantes acerca de suas experiências infantis de cuidado nos ambientes de trabalho de seus pais, assim como as emoções geradas a partir dessas vivências. Foram realizadas 10 entrevistas com jovens homens e mulheres de

até 35 anos, sendo cinco deles migrantes residentes de zonas urbanas durante suas infâncias e cinco residentes de zonas rurais/periurbanas. Os resultados mostram que os jovens que residiram nas zonas rurais foram cuidados nos próprios espaços de trabalho dos pais, onde passavam parte significativa de seus dias, assim como praticavam o cuidado de outras crianças, especialmente as meninas, em relação a crianças mais novas. Já os jovens que moravam em áreas urbanas relatam que os espaços de trabalho dos pais, como feiras e mercados urbanos, eram locais onde também passavam muito tempo, aprendendo com o ofício familiar, mas que era possível ter maior segurança no cuidado das crianças, pois tinham os limites dos espaços mais delimitados e cercados. Esses jovens, da zona urbana, compartilhavam a rotina entre trabalho e escola, sendo a distribuição de tarefas de cuidado com outras crianças regida, assim como na zona rural, majoritariamente pela diferença de gênero. As narrativas de ambos os grupos entrevistados apontam para distintas emoções sentidas pelos jovens em suas experiências de cuidado na infância, que variam conforme a localidade em que moraram, as relações familiares e a subjetividade de cada um e uma.

O artigo “Niñas, niños, adolescentes y jóvenes cuidadores: la sostenibilidad de la vida en un barrio qom de la ciudad de La Plata, Buenos Aires, Argentina”, de Silvana Sciortino, aborda as diferentes formas que o cuidado é realizado nas famílias e na comunidade de um bairro qom de Buenos Aires, Argentina. A partir de sua experiência de anos de trabalho no território e de uma análise interseccional e relacional do fenômeno do cuidado, a autora discute o papel significativo de crianças, adolescentes e jovens em atividades de cuidado diários e sua posição na manutenção dos lares e laços comunitários, assim como a dimensão de pertencimento ao bairro e sua filiação étnica.

Em “Niñez, autocuidado y atención a la salud. Un análisis antropológico de la agencia de les niñas y adolescentes en el tratamiento medicamentoso contra el cáncer infantil”, Candela Rocío Heredia aborda o tema do autocuidado das crianças em uma instituição hospitalar de Buenos Aires. A autora discute como o estado de saúde das crianças não é apenas uma questão que diz respeito aos adultos, aos médicos especialistas e ao Estado, mas também concerne a cada criança que apresenta alguma enfermidade. Em um estudo de caráter etnográfico dentro de um hospital público argentino, a autora descreve e discute a gestão dos medicamentos por parte das crianças, o conhecimento sobre a própria alimentação permitida, as possibilidades e limites de atividades que podem realizar, a quem recorrer em casos de emergência, dentre outras tarefas que se apresentam como formas relacionais das crianças cuidarem de si e serem ativas no seu próprio tratamento.

Considerações finais e desafios a seguir indagando: áreas lacunares

Os artigos que integram essa seção temática brindam uma mirada panorâmica sobre as investigações das infâncias cuidadoras em contextos latino-americanos. Esses trabalhos, em particular, apresentam situações específicas em comunidades urbanas, rurais e indígenas, em lares de classe média e em situações de tratamentos de enfermidades crônicas. Embora os casos sejam variados, não podemos deixar de mencionar que, em geral, as investigações se concentram em lares e experiências infantis pertencentes a níveis socioeconômicos baixos, mais precisamente pesquisando as experiências de crianças que vivem em zonas mais pobres da América Latina. Os trabalhos apresentam valiosas análises para problematizar as relações de cuidado, entre pessoas de distintas gerações, pertencimento étnico e de classe. No entanto, ainda há áreas pouco exploradas.

Cita-se, primeiramente, o que acontece nos espaços domésticos dos setores socioeconômicos elevados, que também integram as sociedades desiguais em que vivemos, mas permanecem menos visíveis nas pesquisas acadêmicas. Também, encontra-se lacunar as investigações sobre a temática da presença/ausência das figuras masculinas na transmissão das práticas do cuidado dentro das famílias e comunidades. Majoritariamente, são as mães e avós as pessoas adultas que se responsabilizam pelo cuidado da casa e das crianças (PALOMO, 2008; TRONTO, 2018; LONGHI, 2019; FERNANDES, 2020). Dessa forma, considera-se importante que o campo possa investigar e aprofundar as características e impactos de uma transmissão do cuidado a partir de figuras do gênero masculino e refletir, em profundidade, acerca dessa escassez nas relações de cuidado. Por fim, observamos que um dos maiores desafios neste campo de estudos consiste em desenvolver abordagens complexas que evitem apreciações morais e/ou relativismos ingênuos. Nesse sentido, consideramos necessário explorar e sustentar com maior reflexividade as ambivalências e contradições das práticas de cuidado assumidas por crianças, sem precisar antecipar uma conclusão “positiva” ou “negativa” dessas práticas. Alerta-se para isso, pois o campo pode se deixar levar por uma perspectiva moralista e/ou assistencialista acerca das crianças e suas famílias.

Espera-se que esta publicação estimule novas investigações no campo de estudos das infâncias cuidadoras e inspire pesquisadores a explorar as interconexões entre a reprodução da vida cotidiana, o cuidado e os afetos entre pessoas de diferentes gerações. Almeja-se que as pesquisas sobre o cuidado praticado por crianças contribuam para a compreensão das infâncias e para a análise das relações sociais e de poder, das desigualdades sociais e das trocas econômicas e simbólicas na sociedade em geral¹.

¹ Agradecemos à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo apoio na elaboração deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDRIDGE, J.; BECKER, S. **Children caring for parents with mental illness**. Perspectives of young carers, parentes and professionals. Londres: Policy Press, 2004.
- BROBBEY, C. **Children’s perspectives of their responsibilities in household work in their families in the sekyere south district of ghana**. 2011. Dissertação (Philosophy in Childhood Studies) - Norwegian University of Trondheim, Trondheim, 2011.
- BATTHYÁNY, K. Miradas latinoamericanas al cuidado. In: ____ (Org.). **Miradas latinoamericanas a los cuidados**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; México DF: Siglo XXI, 2020. p.11-52.
- BALAGOPALAN, S. Precarity and the question of children’s relationalities. **Childhood**, v. 28, n. 3, p. 327-332, 2021.
- BECKER, S. Global perspectives on children’s unpaid caregiving in the family research and policy on ‘young carers’ in the UK, Australia, the USA and Sub-Saharan Africa. **Global Social Policy**, v. 7, n. 1, p. 23-50, 2007.
- CARTA AFRICANA DOS DIREITOS E BEM-ESTAR DAS CRIANÇAS. **CNDHC**, 19 de jul. 1993. Disponível em: <http://cndhc.org.cv/images/download/Carta_Africana_dos_Direitos_e_Bem-estar_da_Criancas.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2019
- CASTRO, L. Uma teoria da infância na contemporaneidade. In: _____. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: NAU, p. 16-43, 1998.
- CHADI, N.; STAMATOPOULOS, V. **Canadian Medical Association Journal**. v.189, n. 28, p. 925-926, 2017.
- COLONNA, E. “Tenho de fazer tudo para o meu irmão: crianças que cuidam de crianças”. In: ARROYO, M. G.; VIELLA, M. D. A. L.; DA SILVA, M. R. **Trabalho infância: exercícios tensos de ser criança – haverá espaço na agenda pedagógica?** Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2015.
- DAY, C. Children and young people as providers of care: perceptions of caregivers and young caregiving in Zambia. In: HORTON, J.; PYER, M. **Children, young people and care**. London: Routledge, 2017. p. 144-158.
- _____; EVANS, R. Managing caring responsibilities, change and transitions in young people’s family lives in Zambia. **Journal of Comparative Family Studies**, XLVI (1): p. 137-152, 2015.
- EASTERBROOK, R.; RABY, R.; LEHMANN, W. Navigating babysitting as liminal, gendered, and undervalued work. **Childhood**, v. 28, n. 1, p. 103-117, 2021.
- EVANS, R.; BECKER, S. **Children caring for parents with HIV and AIDS: Global issues and policy responses**. Bristol: Policy press, 2009.
- _____. Caring after parental death: Sibling practices and continuing bonds. In: HORTON, J.; PYER, M. (Orgs.). **Children, Young People and Care**. New York: Routledge, 2017. p. 158-174.
- _____. Sibling caringscapes: time–space practices of caring within youth-headed households in Tanzania and Uganda. **Geoforum**, v. 43, n.4. p. 824-835, 2012.
- _____. et al. Unpacking ‘family troubles’, care and relationality across time and space, **Children’s Geographies**, v. 17, n. 5, p. 501-513, 2019.
- FERNANDES, C. **“Ficar com”**. **Parentesco, criança e gênero no cotidiano**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- _____. “Aí eu não aguentei e explodi”. A expressão do “nervoso” feminino no cuidado com as crianças em territórios de favela, **Etnografias Contemporâneas**, ano 6, n. 10, p. 154-178, 2020.

- FRANCIS-CHIZORORO, M. "Growing up Without Parents: Socialisation and Gender Relations in Orphaned-Child-Headed Households in Rural Zimbabwe". **Journal of Southern African Studies**, v.36, n.3, p. 711-727, 2010.
- FRASCO ZUKER, L.; FATYASS, R.; LLOBET, V. Agencia infantil situada. Un análisis desde las experiencias de niñas y niños que trabajan en contextos de desigualdad social. **Horizontes Antropológicos**, v. 27, p.163-190, 2021.
- GARCÍA PALACIOS, M; HECHT, A. C.; ENRIZ, N. Crianza y niñez en dos comunidades indígenas de la Argentina (qom y mbyá). **Cuicuilco**, v. 22, n. 64, p. 185-201, 2015.
- GUTIERREZ, J. P. **A circularidade das crianças Kaiowá na Aldeia Laranjeira Nãnderu, Rio Brillhante, Mato Grosso do Sul**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.
- HERNÁNDEZ, M. C. Experiencias de niñez en la pobreza. Una cartografía de cuidados. **Runa**, v. 40, n. 2, p. 93-111, 2019.
- HUNLETH, J. **Children as caregivers: the global fight against tuberculosis and HIV in Zambia**. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2017.
- JUSTINO, A. **A esperança do amanhã: cuidados, carinhos e castigos em uma etnografia com crianças caboverdianas**. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022.
- KAVANAUGH, M. S.; STAMATOPOULOS, V. Young carers, the overlooked caregiving population: Introduction to a special issue. **Child and Adolescent Social Work Journal**, p. 1-3, 2021.
- LARA, J. S.; CASTRO, L. R. de. Children's responsibilities in a Brazilian community: Citizenship as care practices. **Global Studies of Childhood**, p. 1-11, 2021.
- LARA, J. S. **Crianças que cuidam: infância e cuidado no encontro com o outro**. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- LEAVY, P.; SHABEL, P. N. Child care and participation in the Global South: an anthropological study from squatter houses in Buenos Aires. **Third World Thematics: A TWQ Journal**, 2022, p. 1-16.
- _____.; SZULC, A. P. Cuidando a los niños y niñas, cuidando el territorio: una mirada etnográfica sobre comunidades rurales mapuche y ava-guaraní en Argentina. **Indiana**, v. 38, n.1, p. 79-101, 2021.
- LEU, A. et al. Counting young carers in Switzerland—a study of prevalence. **Children & Society**, v. 33, n. 1, p. 53-67, 2019.
- LONGHI, M. Os dilemas de Ruth: conexões entre saúde, família e cuidados. **Revista Mundaú**, n.6, p.145-158, 2019.
- NANDY, A. Reconstructing childhood: a critique of the ideology of adulthood. In: SINGH, A; MOHAPATRA, S. (Ed.), **Indian Political Thought: A Reader**. New York: Routledge, 2010.
- NIÑEZ PLURAL. Niñez, alteridad y cuidado: reflexiones para un campo en construcción. **DESIDADES. Revista electrónica de divulgación científica de la infancia y juventud**, v. 125, año 7, p. 48-58, 2019.
- MORROW, V. Responsible children and children's responsibilities? Sibling caretaking and babysitting by school-age children. In: BRIDGEMAN, J.; KEATING, H.; LIND, C. **Responsibility, Law and the Family**. Ashgate: Ashgate, p. 105-124, 2008.

- PALOMO, M. Los cuidados y las mujeres en las familias. **Política y Sociedad**, v. 45, n. 2, p. 29-47, 2008.
- PRETTO, Z. **Crianças no contexto de um bairro em processo de urbanização na ilha de Santa Catarina** (2010-2014). 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- REMORINI, C. 'Emãe nde kypy-i re!' (cuidá por tu hermanita!). Un análisis del papel de las interacciones infantiles en el proceso de endoculturación mbya. **VII Congreso Argentino de Antropología Social**, Universidad Nacional de Córdoba, Villa Giardino, 2004.
- ROBSON, E. Hidden child workers: young carers in Zimbabwe. **Antipode**, v. 36, n. 2, p. 227-248, 2004.
- SOUZA, A. **O brincar na favela da Maré: jogo de vida e resistência em território conflagrado**. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- STAMATOPOULOS, V. The Young Carer Penalty: Exploring the costs of caregiving among a sample of Canadian youth. **Child & Youth Services**, v. 39, n. 2-3, p. 180-205, 2018.
- SZULC, A. Más allá de la agencia y las culturas infantiles. Reflexiones a partir de una investigación etnográfica con niños y niñas mapuche. **Runa**, v. 40, n. 1, p. 53-63, 2019.
- TRONTO, J.C. An ethic of care. **Generations: Journal of the American Society on Aging**, v. 22, n. 3, p. 15-20, 1998.
- UGLIONE, P. **INFÂNCIA (d)E RUA ser criança em lugares-outros**. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- WEISNER, T. S.; GALLIMORE, R.G. My brother's keeper: Child and sibling caretaking [and comments and reply]. **Current anthropology**, v. 18, n. 2, p. 169-190, 1977.
- ZELIZER, V. La economía en el hogar. In: __. **La negociación de la intimidad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 231-307.
- YARRIS, K. E. "Quiero ir y no quiero ir" (I want to go and I don't want to go): Nicaraguan children's ambivalent experiences of transnational family life. **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, v. 19, n. 2, p. 284-309, 2014.

RESUMO

Este artigo trata do campo de estudos das infâncias cuidadoras, que busca compreender como as crianças aprendem, exercem e atribuem significado ao cuidado. O texto apresenta uma revisão bibliográfica das principais temáticas abordadas nesse campo e da diversidade de métodos utilizados nas pesquisas. O artigo também aponta reflexões sobre as contradições e ambiguidades das práticas de cuidado assumidas por crianças e sugere áreas lacunares para investigação, como a relação entre o cuidado e a presença/ausência de figuras masculinas e a análise do cuidado em classes socioeconomicamente favorecidas. O texto destaca a importância de uma abordagem social e contextualizada ao tema das infâncias cuidadoras, considerando as complexidades e diversidades presentes nas experiências das crianças que assumem o cuidado. O artigo conclui que a compreensão das infâncias cuidadoras contribui para o entendimento da posição singular das crianças em suas redes familiares, comunitárias e institucionais e para questões econômicas, de gênero e de desigualdades da sociedade em geral.

Palavras-chave: infâncias cuidadoras, crianças, cuidado, América Latina.

Infancias cuidadoras: reflexiones y desafíos sobre el cuidado practicado por niños y niñas Presentación de la Sección Temática

RESUMEN

Este artículo trata sobre el campo de estudio de las infancias cuidadoras, que busca comprender cómo los niños aprenden, ejercen y atribuyen significado al cuidado. El texto presenta una revisión bibliográfica de los principales temas abordados en este campo y la diversidad de métodos utilizados en la investigación. El artículo también reflexiona sobre las contradicciones y ambigüedades de las prácticas de cuidado asumidas por los niños y sugiere áreas lacunares para la investigación, como la relación entre el cuidado y la presencia/ausencia de figuras masculinas y el análisis del cuidado en clases socioeconómicamente favorecidas. El texto destaca la importancia de un enfoque social y contextualizado sobre el tema de las infancias cuidadoras, considerando las complejidades y diversidades presentes en las experiencias de los niños que asumen el cuidado. El artículo concluye que la comprensión de las infancias cuidadoras contribuye a entender la posición singular de los niños en sus redes familiares, comunitarias e institucionales y a las cuestiones económicas, de género y de desigualdades de la sociedad en general.

Palabras clave: infancias cuidadoras, niñez, cuidados, América Latina.

Caregiving childhoods: reflections and challenges on care practiced by children Introduction to the Thematic Section

ABSTRACT

This article addresses the field of study on caregiving childhoods, which seeks to understand how children learn, exercise and attribute meaning to care. The text presents a literature review of the main themes addressed in this field and the diversity of methods used in research. The article also reflects on the contradictions and ambiguities of care practices assumed by children and suggests areas for investigation, such as the relationship between care and the presence/absence of male figures and the analysis of care in socioeconomically privileged classes. The text highlights the importance of a social and contextualized approach to the topic of caregiving childhoods, considering the complexities and diversities present in the experiences of children who assume care. The article concludes that understanding caregiving childhoods contributes to understanding the unique position of children in their family, community and institutional networks and to economic, gender and inequality issues in society as a whole.

Keywords: Caring childhoods, children, care, Latin America.

DATA DE RECEBIMENTO: 20/04/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 10/05/2023



Juliana Siqueira de Lara

Doutora em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. Mestrado e graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Membro participante do Núcleo de Pesquisa para Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC), Brasil.

E-mail: j.siq.lara@gmail.com



Pia Leavy

Doutora e professora em Antropologia, Universidade de Buenos Aires, Argentina. Investigadora assistente do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Docente de mestrado de Problemas Sociais Infanto Juvenis, Universidade de Buenos Aires, Argentina. Integrante da equipe Niñez Plural e especialista em temas de cuidado, infância, gênero e interculturalidade.

E-mail: pialeavy@gmail.com